FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 27/03/2022 - 05:59

51% apoiam sispender app que desobedeça à Justiça

51% são a favor e 43% contra suspender app que desobedece à Justiça

Datafolha mostra ainda que 81% acham que redes sociais devem excluir rapidamente publicações com notícias falsas sobre a eleição

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Metade (51%) das pessoas no Brasil é favorável à suspensão do funcionamento de aplicativos de mensagens, como WhatsApp e Telegram, caso eles não obedeçam a ordens da Justiça para evitar a divulgação de notícias falsas, segundo pesquisa Datafolha.

Outros 43% dos entrevistados se dizem contra o bloqueio; 3% são indiferentes e 3% afirmam não saber responder. O levantamento foi feito na terça (22) e quarta-feira (23), quatro dias após Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), ordenar a suspensão do Telegram no Brasil — o ministro revogou a medida no dia 20 por entender que o aplicativo cumpriu suas determinações.

Realizada em 181 cidades de todo o país e com margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou menos, a pesquisa do instituto ouviu 2.556 pessoas acima de 16 anos e está registrada no TSE sob o número BR-08967/2022.

O Telegram, um dos principais meios de comunicação digital usados por Jair Bolsonaro (PL) e seus seguidores, terá papel crucial na campanha dele à reeleição, em outubro.

O presidente reagiu à suspensão chamando-a de inadmissível e escalando a AGU (Advocacia-Geral da União) para contestá-la.

Com cerca de 50 milhões de usuários no país, a plataforma abriga mais pessoas que declaram voto no atual mandatário do que as que preferem o principal adversário dele, Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Segundo o Datafolha, 27% dos usuários do aplicativo apoiam Bolsonaro e 16% optam pelo petista.

Entre os eleitores de Bolsonaro, 56% são contrários à obstrução de plataformas que não contribuam para o combate à fake news, mostra o instituto.

Entre simpatizantes de Lula, o índice é de 38%.

A posição favorável à suspensão é maior que a média entre pessoas com ensino superior (56% acham que deveria haver bloqueio, ante 40% contrários) e entre os que têm renda maior que dez salários mínimos (58% falam que deveria haver interrupção, ante 31% que discordam).

A ampla maioria (81%) dos entrevistados acha que redes como Facebook, Twitter e Instagram deveriam excluir o mais rápido possível publicações que mostram notícias falsas sobre a eleição no Brasil.

Outros 14% avaliam que as plataformas deveriam deixar os conteúdos disponíveis, mas com aviso de que são mentirosos, e, para 3%, as empresas não deveriam fazer nada e deixar as postagens intactas; 3% disseram não saber responder à pergunta.

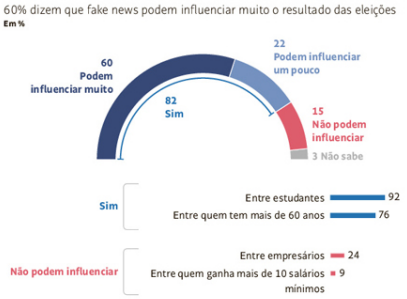
Do total de entrevistados, 84% declararam ter conta em alguma rede social. Desses 82% estão no WhatsApp, 61% no Facebook, 56% no Instagram, 30% no TikTok, 20% no Telegram e 16% no Twitter.

Em relação ao comportamento das empresas perante notícias falsas, os percentuais dos favoráveis à exclusão imediata pouco se alteram dentro das diferentes faixas etárias. Já a opinião de que os conteúdos deveriam ser mantidos com algum tipo de sinalização tem variação mais significativa.

51% são a favor da suspensão de app que desobedeça ordens da Justiça

81% dizem defender exclusão de fake news pelas redes sociais

60% dizem que fake news podem influenciar muito o resultado das eleições



Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais 22 e 23 de março. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais para mais ou para menos

> **Sempre vai haver um contingente que vai acreditar nas coisas mais absurdas, muitas vezes para confirmar crenças pessoais que não estão necessariamente baseadas em fatos**
>
> **Juliana Fratini**
> cientista política, sobre as fake news

Enquanto 19% no segmento de 16 a 24 anos defendem essa atitude, só 8% no grupo acima de 60 anos compartilham da mesma visão. Nesse, a ideia de remoção instantânea é aprovada por 81%, mesmo valor da média geral.

Na fatia dos que consideram o governo Bolsonaro ótimo ou bom, 5% acham que as plataformas não deveriam fazer nada em relação às postagens e 18% pensam que deveriam ser acrescidas de um alerta — percentuais que vão a 2% e 12%, respectivamente, entre quem acha a gestão ruim ou péssima.

Se na média geral 81% avaliam que as publicações deveriam ser retiradas o quanto antes, entre os que avaliam o governo como ótimo ou bom a taxa é de 74%.

Conteúdos com notícias falsas eram normalmente apagados das plataformas apenas mediante decisões judiciais, mas, com a pressão para que as redes contribuam no combate à desinformação, algumas delas passaram a sinalizar conteúdos potencialmente mentirosos, reduzir sua visibilidade, omiti-los por conta própria e, até mesmo, removê-los cautelarmente.

O Datafolha também pesquisou o nível de credibilidade dos instrumentos que a população escolhe para se informar sobre eleições.

De modo geral, os meios digitais demonstraram gerar mais desconfiança do que os tradicionais.

Os programas jornalísticos na TV apareceram como fonte de informação confiável para 41% dos entrevistados, seguidos por programas jornalísticos de rádio (39%), jornais impressos (38%) e sites de notícias (32%). O WhatsApp é considerado de confiança por 12%.

As taxas de desconfiança

Continua na pág. A5

Continuação da pág. A4
nesses meios também são consideráveis: 37%, 36%, 37% e 41%, respectivamente. No caso do aplicativo de mensagens, 68% das pessoas responderam não confiar nas informações que por ali chegam.

Na amostra das principais redes sociais, as taxas de confiança e desconfiança, respectivamente, são de: 14% e 64% no Facebook, 19% e 56% no Telegram, 12% e 68% no TikTok e 31% e 44% no Twitter.

O Telegram, que é motivo de preocupação entre autoridades por causa da fragilidade nos controles de disseminação de notícias falsas, vinha ignorando os contatos da Justiça Eleitoral, mas mudou de postura após o banimento.

A circulação de notícias falsas em apps de mensagens e em redes pode influenciar muito o resultado das eleições deste ano, afirmam 60% dos entrevistados pelo Datafolha.

Outros 22% acham que deve impactar um pouco, 15% dizem que não vai interferir e 3% não souberam responder.

Os que apontam possível influência de fake news no pleito chegam a um percentual de 88% na faixa de 16 a 24 anos.

Para a cientista política Juliana Fratini, organizadora do livro "Campanhas Políticas nas Redes Sociais: Como Fazer Comunicação Digital com Eficiência", a questão das fake news é incontornável no pleito, mas volume e alcance podem diminuir com barreiras adotadas pelas plataformas.

"Uma parte do eleitorado", pontua ela, "não está muito preocupada com a veracidade das informações. Sempre vai haver um contingente que vai acreditar nas coisas mais absurdas, muitas vezes para confirmar crenças pessoais que não estão necessariamente baseadas em fatos".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Pagina:** 4 e 5

Copyright © Clipclap 2025.